Noumeno, *epoché* e a fenomenologia

A razão pela qual devemos retomar a metafísica, muito menos pela sua compreensão como categoria filosófica e muito mais porque vivemos em um tempo em que se instalou um confucionismo, a partir da vulgarização do pensamento que afeta o desenvolvimento da ciência e da história, e com isso a criação de raciocínio, pseudociência e uso inadequado de metáforas. Por isso devemos retornar aos fundamentos para ver onde é que nos perdemos, ou se na verdade, estivemos sempre perdidos.

Um proceder parecido teve um nome na antiguidade o *epoché,* além de ser um conceito-chave para a fenomenologia contemporânea, vem do grego, que significa um estado de repouso mental no qual nada afirmamos ou negamos.

É fundamental porque significa a maneira como olhamos para um enigma e um mistério, sem resolvê-los, ao contrário, protegendo-os. Mas quero já fazer uma diferença, porque o enigma muitas vezes pode ser resolvido e os mistérios mesmo ao penetrar nele, encontra-se ainda um mistério maior, explorando o quando não sabemos ainda.

Protágoras ao afirmar: “O homem é a medida de todas as coisas”, estabeleceu que o conhecimento é subjetivo e, portanto, não haveria uma verdade objetiva. Isso quer dizer que o sujeito não é capaz de conhecer “a coisa” e significa a inexistência da hermenêutica, ou seja, a impossibilidade de afirmarmos uma verdade.

Mas quem é o homem ? Quem é o ser e o ente? E como eles se ligam às coisas.

O ser é tudo que existe, e não apenas o que podemos tocar ou pensar, mas também aquilo que existe em nossa mente: Deus, os números, os conceitos ou qualquer coisa ainda que abstrata. Mas o que é a coisa? Então devemos voltar ao conceito de *noumenon,* ou *noúmero: noumenon* (qualquer “algo”) e está ligado ao *phaynomenon,* “algo que aparece”, algo aqui usado como sinônimo de coisa.

Mas o conceito de Kant faz a distinção entre *noúmeno* (coisa em si) e fenômeno (aparição), não são os conceitos clássicos de ambos, mesmo no mundo das ideias de Platão. Na verdade, o que há de acordo entre ambos e está oculto, é o fato que, para ambos, *conhecer* é algo “elevado”. Para Platão, isso está no Mito das Cavernas, e para Kant no “sujeito transcendente” que conhece. Ele divide o conhecimento em duas partes: a. o conhecimento da *physis* de *apriori;* e b. o conhecimento metafísico (meta-phyisis), aquele que pode ser apreendido pela mente, jamais em si mesmo.

Contra isso, Edmund Husserl vai se rebelar ao dizer que devemos retornar às coisas por elas mesmas, e, portanto há aqui uma distinção entre o que é fenômeno para ele e para Kant.

Na antiguidade: a esfera do *noúmeno* é então uma [realidade superior](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_formas) conhecida pela mente filosófica (e não, o mundo das aparências).

Se na revolução copernicanapara a astronomia: o sol e não a terra era o centro, na filosofia da modernidade, ela significa a mudança de enfoque no objeto, de modo que antes a mente se adaptava a ele e agora, ele deve se adaptar à mente, eis o idealismo.

Mas para o idealismo a coisa em si (*noúmenon*) nos escapa. Ela não pode ser conhecida, somente pensada (idealismo). E a fenomenologia não é idealismo, pois vai seguir o caminho inverso, o retorno à subjetividade e à metafísica é possível pela captação da significação dos fenômenos, e estes não são senão um ato de consciência, no dizer de Husserl: “Toda consciência é consciência de algo”.

Foi Franz Brentano que influenciou Husserl quanto ao conceito de evidência “apodítica” como estruturante da descrição fenomenológica, e aqui se funda a fenomenologia baseada na experiência; não na *physis,* mas na *meta-physis.*

E essa é a relação do conhecimento e da experiência na fenomenologia.Então essa relação com o conhecimento, deve estabelecer nossa relação com as coisas, e o que podemos afirmar sobre elas. Para isso, os gregos propuseram um método chamado “ataraxia”: o discernimento sobre a equivalência das coisas não nos é revelado pelas sensações nem pelos juízos, logo tanto as nossas percepções nos enganam quanto a nossa razão, isto é importante.

Assim, podemos nos abster de emitir qualquer razão e desconfiar dos sentidos, algo como negar a aparência, como fez como uma forma de exercícios Saramago em *Ensaio sobre a cegueira* (propomos a leitura do livro)*,* mas também não é outra senão o mundo das sombras de Platão, no “Mito da Caverna” Esta afasia para os gregos fazia sentido, porque é isto a filosofia. A *afasia* significa, no dizer grego, “aceitar as coisas com filosofia”, supõe uma serenidade e uma despretensão de onisciência sobre as coisas, significa aceitar o mistério e o enigma.

Isto pode parecer similar ao método cartesiano, com o seu “cogito”, mas não é, porque seu método é suspender a suspensão, isto é pela dúvida sistemática chegar a solução dos enigmas. O que penso que pode ser verdadeiro, mas não no caso do mistério, pois com ele mergulha-se sempre em um novo mistério, a redução que foi feitaveja rapidamente deste suposto mistério, ou *epoché* da modernidade, é o cogito.

Novamente devemos antes propor aqui o *epoché* grego, pois isso (o cogito cartesiano)ainda assim é aparência e juízo, logo ele também deve ser submetido à ataraxia, e, portanto, retornamos ao mistério.

Descartes descreve em detalhes bastante lógicos os pensamentos que antecedem ao estado da dúvida, mas se mostra evasivo quanto ao estado da dúvida, como se a dúvida fosse num eterno antagonismos do sim e do não, e ao torná-la objeto da lógica binária, cria uma certeza, afirmando “não posso duvidar de que duvido no instante em que duvido”, do ponto de vista da *epoché* grega, seria mais certo duvidar de tudo, inclusive da própria dúvida, pois a dúvida não é um estado se a vemos enquanto ser, é ela própria “ser” e então não pode “estar”, que significaria um estado de repouso, mas sim, “ser” que significa “eterno ser sendo”. Há uma confusão aí de “dúvida” (mistério) com “negação hipotética” (enigma), negando as coisas como parecem ou os sentidos como querem mostrar sua aparência, assim o ato da dúvida hipotética, não se pode duvidar do próprio saber sem ao mesmo tempo afirmá-lo repetidamente, assim é justamente a certeza do ser que garantiria a vivência da dúvida, o eterno mistério.

Esse mistério é desvendado dentro de um contexto físico, técnico, morfológico e epistêmico no sentido de hermenêutico e não tanto da ciência positiva, mas há o mistério do qual isto nos escapa, este é o contexto subjetivo (não, subjetivista) o qual chamo “noosférico”.